

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A QUESTÃO COLONIAL
15 de Outubro de 2022

NOSSA TERRA / 1966

um filme de Mario Marret

Realização e Argumento: Mario Marret / **Fotografia:** Mario Marret / **Som:** Isidro Romero / **Montagem:** Catherine Dourgnon / **Produção:** Geba Filmes; PAIGC (Guiné-Bissau) / **Cópia:** em DCP (original em 16 mm), cor, versão francesa, legendado electronicamente em inglês e em português / **Duração:** 35 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

NAVIGATING THE PILOT SCHOOL / 2016

Realização e Argumento: Sónia Vaz Borges, Filipa César / **Fotografia:** Louis Henderson / **Som:** João Polido Gomes / **Montagem:** Sofia Bento / **Produção:** Filipa César, Sónia Vaz Borges, (Portugal) / **Cópia:** em DCP, cor, preto e branco, versão original, com legendas em inglês / **Duração:** 12 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

MANGROVE SCHOOL / SKOLA DI TARAFE / 2022

Realização e Argumento: Sónia Vaz Borges, Filipa César / **Fotografia:** Jenny Lou Ziegel, Filipa César / **Montagem:** Filipa César / **Som:** Marinho de Pina / **Música:** João Polido Gomes / **Produção:** Filipa César e Spectre productions (França, Portugal, Alemanha) / **Cópia:** em DCP, cor, versão original, com legendas em inglês e legendado electronicamente em português / **Duração:** 35 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de Sónia Vaz Borges, Filipa César

Duração total da projecção: 82 minutos

Por nós conhecido sobretudo pelas suas colaborações com Chris Marker, Mario Marret é um realizador cuja obra urge descobrir. Hoje apresentamos um dos seus trabalhos mais importantes, que até há pouco tempo permaneceu invisível, dado não se conhecer o paradeiro dos seus materiais, entretanto recuperados e restaurados. **Nossa Terra** é um filme de combate, um filme de guerrilha que simultaneamente filma e participa das actividades desenvolvidas pelo PAIGC, com o fim único da conquista da independência por parte da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Rodado em meados dos anos sessenta na Guiné-Bissau, foi desde logo usado como arma na luta anti-colonial e em todo um programa que visava conquistar africanos para a causa, mas também desmobilizar e desmotivar portugueses em tudo o que respeitava à guerra. Exemplo disso é um panfleto que alude à projecção do filme em França numa “tarde de apoio aos desertores portugueses”. Panfleto que encontra eco nos panfletos deixados no mato pelos combatentes do PAIGC que vemos no filme, adereçados

aos soldados portugueses com dizeres como: “O que vieste fazer para a nossa terra, para esta guerra injusta.”

Produzido pelo PAIGC, o título “**Nossa Terra**” é bem demonstrativo da importância que o PAIGC dava ao cinema enquanto arma ao serviço do combate político e das intenções de um realizador conhecido pelo seu envolvimento nos movimentos de libertação internacionalistas. Como escreveu Marret, “Era um testemunho. Não interessava o formato, a câmara, essas coisas todas. Estava um cineasta presente. O cineasta tem de estar no lugar onde o mundo se faz, no momento em que se faz.” E Marret esteve lá, como esteve na primeira expedição francesa à Antártida no início dos anos cinquenta, que documentou em filme, e como esteve nas lutas operárias em França que precederam o Maio de 1968. Em 1967, Marret iria realizar com Chris Marker (sob o colectivo SLON, que fundaram), o documentário **À Bientôt, J'espère**, sobre as greves numa fábrica em Besançon e as lutas operárias em França. O facto de muitos dos trabalhadores terem ficado descontentes com os resultados do filme, impulsionaram esta dupla a treinar os trabalhadores a produzirem os seus próprios filmes, o que estaria na origem ao Grupo Medvedkin, experiência semelhante a outras que seriam desenvolvidas posteriormente em África depois das independências.

Filmado em plena guerra na Guiné-Bissau, **Nossa Guerra** aborda frontamente a brutalidade da guerra e do modo como esta era conduzida. Há imagens violentíssimas de feridos e do rosto dilacerado de uma criança que, em grande sofrimento, nos olha longamente. “Imagens-choque” de uma realidade duríssima, que nos atingem pelo modo como expõem sem rodeios a brutalidade de um conflito, que tantas mortes e sofrimento causou, e que tantas crianças arrastou (são muitos os meninos e meninas que vemos de uniforme e com armas em punho). Imagens como estas, filmadas por Marret na Guiné-Bissau, seriam usadas mais tarde por Chris Marker no seu **Sans Soleil**.

Mas **Nossa Guerra** aflora também outros temas igualmente importantes, como as muitas escolas criadas no meio do mato pelo PAIGC nas zonas libertadas, como parte do esforço colectivo da guerra e da sensibilização e educação da população, questão que faz a ponte para os restantes filmes da sessão. Esta é aliás uma dimensão que atravessa vários dos filmes deste Programa, da longa-metragem de ficção **Mortu Nega** (1988), de Flora Gomes, ao documentário **O Regresso de Amílcar Cabral** (1976), assinado colectivamente por vários realizadores e técnicos guineenses recém-formados, o que revela a sua relevância política. A relação entre a aprendizagem, a terra e a luta estão no centro dos dois filmes de Filipa César e Sónia Vaz Borges que se exibem nesta sessão: **Navigating The Pilot School** e **Mangrove School**. E se Filipa César tem abordado amiúde nos últimos anos a questão do colonialismo na sua obra artística, convém referir que Sónia Vaz Borges é investigadora e autora do livro “*Militant Education, Liberation Struggle; Consciousness: The PAIGC education in Guinea Bissau 1963-1978* (Peter Lang, 2019), investigação com uma grande relevância para os dois filmes em questão.

O primeiro, **Navigating The Pilot School**, que coincidentemente também é agora apresentado na exposição “Resistência Visual Generalizada – Livros de Fotografia e Movimentos de Libertação: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde”, no

Torreão Nascente da Cordoaria Nacional (com curadoria de Catarina Boieiro e Raquel Schefer), aborda directamente essa importância da educação para o esforço da guerra nas zonas libertadas, um esforço em larga escala impulsionado pelo próprio pensamento político de Amílcar Cabral.

Se, no primeiro filme da sessão, **Nossa Terra**, percebemos claramente como as escolas improvisadas no mato pelos guerrilheiros eram alvos importantes a abater pelos portugueses, em **Navigating The Pilot School**, através de uma descrição em *off* que acompanha uma espécie de “mapa” de uma escola desenhada com sólidos de um espaço, somos introduzidos à realidade das chamadas Escolas-Piloto. Escolas diferentes das escolas do mato, mas que faziam parte de um mesmo esforço educativo, consistindo em internatos no estrangeiro para onde as crianças eram enviadas para estudar, como a de Conacri, de que se fala. Escolas que revelavam a sofisticação de um sistema associado a um esforço que visava não apenas proteger e educar as crianças de um presente em guerra, como criar “quadros” e futuros líderes. Em **Navigating The Pilot School**, a “frieza” do dispositivo escolhido para desenhar o mapa da escola (um fundo branco de onde vão sendo retiradas peças) contrasta amplamente com as palavras narradas e com a maior “intensidade” das imagens de arquivo que o rodeiam, que se estende aos restantes filmes da sessão.

Mangrove School aborda já as peculiares escolas da resistência guineense nos mangues: escolas construídas em estruturas improvisadas sobre água, cuja ramificante engenharia se aliava a um enorme poder de camuflagem. Como escreveu Filipa César a propósito de **Mangrove School**: “Voltámos à Guiné-Bissau para investigar as condições dos estudantes nas escolas da guerrilha nos mangues. Em vez disso, rapidamente nos tornámos nós próprios os alunos e a primeira lição era como andar. Se se caminhar direito, colocando primeiro o calcanhar no chão, imediatamente se escorrega e cai nas represas dos campos de arroz alagados ou se fica preso na lama dos mangues. É preciso baixar o corpo, flectir os joelhos, enfiar os dedos verticalmente na lama e estender os braços para diante num movimento consciente e presente. Na escola do mangue, é o corpo todo que aprende.” Em **Mangrove School** aprendemos estes “outros” ritmos do corpo, como aprendemos como se edificam as estruturas que sustentam essas escolas, um processo que nos é revelado em detalhe, em toda a sua beleza artesanal.

Face a **Mangrove School** pensamos também em Amílcar Cabral-agrónomo, cujo trabalho nessa área já havia sido destacado por uma obra anterior de Filipa César, **Mined Soil**, que estabelecia uma ligação entre o processo de independência da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral e as suas pesquisas enquanto agrónomo em Portugal. Realidade evocada directamente por estas escolas nómadas que, para lá da sua importância educativa, reenviam para um paralelo trabalho da terra e protecção do solo, que a construção de diques propiciava, numa história múltipla sobre resistência política, educativa e agrícola contada através de metafóricas estruturas rizomáticas que, resistindo ao espaço e ao tempo, propiciam a evasão.

Joana Ascensão